

14252 - A promoção de feiras agroecológicas como instrumentos eficazes para a sustentabilidade da agricultura familiar no semiárido: a experiência do Projeto Dom Helder Camara

The promotion of agro-ecological fairs as effective tools for sustainable family farming in semi-arid: the experience of Dom Helder Camara Project

AZEVEDO, Maria Aparecida¹; JALFIM, Felipe Tenório ²; BLACKBURN, Ricardo Menezes ³; SANTIAGO, Fábio dos Santos ⁴.

1 Projeto Dom Helder Camara/SDT/MDA, mariazevedo@dom.gov.br; 2 Projeto Dom Helder Camara/SDT/MDA, fjalfim@dom.gov.br; 3 Projeto Dom Helder Camara/SDT/MDA ricardo@dom.gov.br; 4 Projeto Dom Helder Camara/SDT/MDA, fabiosantiago@dom.gov.br

Resumo

O artigo objetiva refletir sobre a promoção de feiras agroecológicas como instrumentos para sustentabilidade da agricultura familiar no Semiárido, no âmbito da experiência do Projeto Dom Helder Camara. Ao considerar a importância de múltiplas estratégias para superação da pobreza no campo, torna-se imprescindível avaliar as contribuições específicas das feiras agroecológicas para este fim. A metodologia utilizada foi entrevistas com feirantes, monitoramento da comercialização e de ganhos ambientais dos agroecossistemas e levantamento bibliográfico. Os resultados demonstram diversificação da produção, elevação da renda familiar, fortalecimento da conversão agroecológica dos sistemas produtivos, aumento da organização e do protagonismo dos agricultores familiares e desenvolvimento de relações mais próximas com os consumidores urbanos.

Palavras-chave: canais curtos de comercialização; conversão agroecológica.

Abstract

The article aims at the discussion about the promotion of agro-ecological fairs as tools for sustainability of family farming in semiarid within the experience of Dom Helder Camara Project. When considering the importance of multiple strategies to overcome poverty in the rural area, it is essential to evaluate specific contributions of agro-ecological fairs for this purpose. The methodology used was: interviews with merchants, market monitoring, agroecosystems environmental gains monitoring and literature reviews. The results demonstrate the diversification of production, increase in family income, strengthening of the agroecological conversion on productions systems, increase in organization and in the protagonism of family farmers and development of closer relationships with urban consumers.

Keywords: short marketing channels; agroecological conversion

Introdução

O Projeto Dom Helder Camara - PDHC é um projeto referencial da Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário, fruto de um acordo de empréstimo com Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola – FIDA e um acordo de doação com o Fundo Global para o Meio Ambiente – GEF. Iniciou suas atividades em 2002, em oito territórios rurais de seis estados do Nordeste, contemplando 15.186 famílias de comunidades de agricultura familiar e assentamentos rurais. Seu objetivo é criar referenciais para as políticas públicas de combate à pobreza no meio rural na região Semiárida nordestina, em uma perspectiva de desenvolvimento territorial. Para tanto, considera o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões e procura fortalecer capacidades, organizações sociais e novas institucionalidades, contribuindo ativamente para o

protagonismo, autonomia e empoderamento dos agricultores e agricultoras familiares, numa perspectiva de convivência com o Semiárido.

A partir desta conjuntura, apoiado por um arranjo territorial de assessoria técnica, o PDHC promove processos que levam à conversão agroecológica dos agroecossistemas de gestão familiar, integrando-os aos canais curtos de comercialização, especialmente às feiras agroecológicas.

O PDHC ajudou às famílias agricultoras a desenvolver uma metodologia participativa de implantação, planejamento e monitoramento das feiras agroecológicas. Essa se inicia com o mapeamento, no território, de famílias e grupos produtivos com interesse e condições básicas de estrutura produtiva e organizacional para a comercialização. Este mapeamento se desdobra em um processo de mobilização dessas famílias e grupos produtivos para a comercialização direta, via feiras agroecológicas. Mobiliza-se também a sociedade e instituições públicas locais, visando fortalecer os laços de coesão social e política entre as famílias agricultoras e os diversos atores locais interessados em apoiar a implementação de uma feira agroecológica. A partir deste momento, pode se realizar uma oficina com as famílias e diversos atores engajados na proposta, objetivando elaborar um projeto básico compartilhado de estruturação material, gestão da feira e comunicação.

Outras oficinas são realizadas focando administração da feira, planejamento do equilíbrio entre oferta e demanda da produção, garantia da diversidade, frequência, quantidade e qualidade da produção ao longo do ano. Instala-se a feira agroecológica e realizam-se encontros de formação com o grupo da feira uma vez por mês, de forma rotativa nas unidades produtivas dos feirantes (JALFIM et al, 2008), oportunizando o amadurecimento coletivo e a partilha dos desafios e superações da evolução de seus agroecossistemas. A formação realizada com as famílias envolvidas na produção agroecológica para as feiras é fortemente apoiada na experimentação voltada para busca de soluções para desafios vivenciados pelas famílias produtoras.

Entre 2007 e 2012, foram apoiadas 29 feiras agroecológicas em oito territórios. Destas, 11 foram criadas durante esse período.

Metodologia

O presente estudo baseou-se nos seguintes procedimentos metodológicos: definição do universo amostral, com seleção de três feiras consideradas representativas dentre as feiras agroecológicas apoiadas – Sumé e Monteiro/PB e Upanema/RN; elaboração e teste com os feirantes de formulários para a coleta de dados de comercialização nas feiras (quantidade e preços de produtos comercializados, organizados por categoria e variedades); preenchimento semanal dos formulários pelos próprios feirantes, acompanhados pela assessoria técnica; consolidação mensal dos dados coletados através da parceira de ATER do PDHC e consolidação semestral e anual (2009 a 2011) dos dados pela equipe do PDHC; devolução dos resultados para os feirantes a intervalos semestrais para apoiar os momentos de planejamento da produção e estratégias de comercialização.

Sobre a evolução dos agroecossistemas, o monitoramento focou no levantamento semestral de ganhos ambientais de áreas referenciais em hortas e pomares (agrobiodiversidade, solos - fertilidade, erosão, macrofauna). Complementarmente a esse monitoramento foram realizados dias de aprendizado entre a assessoria técnica e as famílias envolvidas nas feiras. Para a sistematização que resultou neste trabalho, também foram consultados os projetos apoiados, relatórios de avaliação da comercialização e levantamento bibliográfico.

Resultados e discussões

Atualmente são 408 famílias agricultoras que comercializam diretamente nas feiras. No entanto, o número de famílias beneficiadas no processo é maior, pois a média de famílias que fornecem produtos, mas não comercializam diretamente no local, corresponde a 80% do total de famílias feirantes, elevando para 728 o número de famílias beneficiadas pela comercialização nas feiras agroecológicas.

Observa-se no período de 2009 a 2011, a ampliação e o amadurecimento das feiras agroecológicas. Para esta evolução, contribuíram o processo participativo de criação destes espaços de comercialização, as formações permanentes e ainda processo de monitoramento mensal da produção comercializada nas feiras. Este último possibilita à assessoria técnica e famílias agricultoras acompanhar a evolução da comercialização, identificar ciclos de sazonalidade e planejar, de forma mais eficiente, a produção e comercialização nesses espaços.

O gráfico apresentado a seguir revela a evolução da renda média mensal por família, à medida que a feira se consolida.

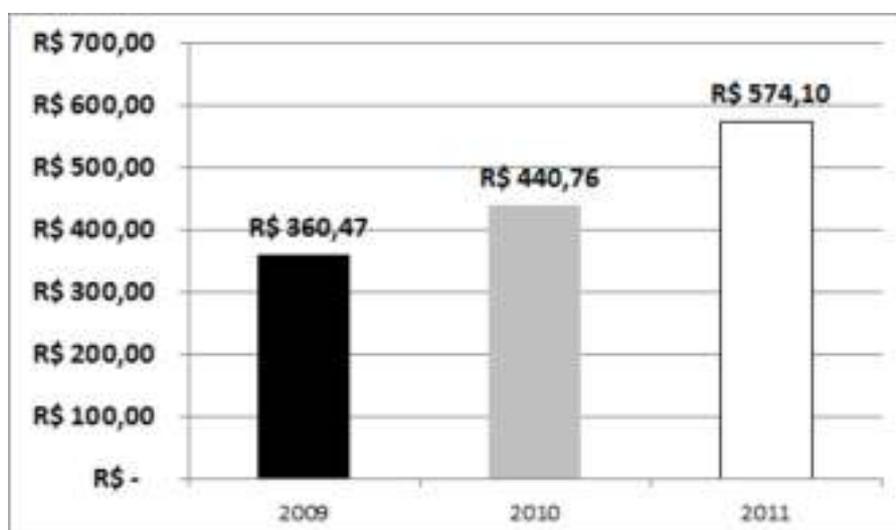


FIGURA 1: Renda Média Mensal por Família das Feiras Agroecológicas de Sumé e Monteiro/PB e Upanena/RN.

Fonte: PDHC, 2012.

Entre 2009 e 2011 a renda média mensal por família passou de R\$ 360,47 para R\$ 574,10, significando um incremento de 59%.

Uma característica importante verificada nas feiras agroecológicas dos diversos territórios de atuação do Projeto Dom Helder Camara é a diversidade de produtos.

Isto não apenas na variedade de frutas e verduras, mas também pela presença de outros produtos agrícolas beneficiados, como queijo, doces e bolos, e de produtos não agrícolas, como peças de artesanato. A renda dos produtos agrícolas “in natura” corresponde, em média, a 75% do faturamento mensal das feiras.

Foram registradas transformações positivas nos agroecossistemas dos/as agricultores/as feirantes, com uma diversificação na produção de sequeiro e melhor aproveitamento dos tipos de fontes de água, antes mal ou pouco utilizadas para irrigação em pequena escala. Observou-se também um melhor aproveitamento de alimentos *in natura* ou beneficiados que até então não eram valorizados como fontes de renda, caso de frutas de época, a exemplo do umbu, manga e goiaba, produzidas em baixios e vegetação nativa. Além disso, a diversificação produtiva tem tido repercussões positivas sobre o padrão alimentar das famílias feirantes.

O planejamento da produção para inserção nos mercados se relaciona também com o processo de certificação orgânica participativa. A Lei Brasileira dos Orgânicos reconhece controle da conformidade orgânica na modalidade Organizações de Controle Social – OCS para venda direta ao consumidor (BRASIL, 2003). Esta temática integra a pauta das reuniões dos colegiados territoriais e a ação da assessoria técnica às famílias e como resultado deste esforço 13 OCSs foram constituídas nos territórios do PDHC: 8 no Cariri paraibano, duas no Apodi e 3 no Sertão Sergipano.

A participação das mulheres e dos jovens nas feiras agroecológicas tem sido crescente nos Territórios, inclusive na gestão e direção das associações de feirantes. Em Monteiro, 3 (três) feiras com certificação participativa são presididas por mulheres.



FIGURA 2. Registro fotográfico da Feira Agroecológica de Monteiro/PB.

Fonte: Acervo PDHC.

Os aprendizados da comercialização são múltiplos. Inicialmente, são relacionados à organização da feira propriamente dita, como afirmam os próprios agricultores: *“Aprendemos a comercializar os produtos, a pesar os produtos, a organizar uma banca de feira, deixar tudo muito arrumadinho para os fregueses e fazer propaganda da nossa produção: Olha a batata aí gente!”* (AZEVEDO, 2012).

No entanto, os aprendizados vão muito além: novas formas de se relacionar em grupo e com os moradores da cidade; como se articular para fortalecer propostas e

projetos comuns; como se organizar melhor na associação, na feira e no quintal; melhor planejamento da produção para atender à clientela (AZEVEDO, 2012). Efetivamente os resultados demonstram a feira agroecológica como um espaço privilegiado que oportuniza “*trocas econômicas e de sociabilidade entre produtores e consumidores sem perder de vista o aspecto político*” (GODOY e ANJOS, 2007, p. 364). A fala da agricultora sintetiza: “*Além de aprender na feira, se aprende no antes, no durante e no depois da feira. Então tem todo um processo de organização que a gente aprende!*” (AZEVEDO, 2012).

Conclusões

As feiras agroecológicas têm se revelado instrumentos eficazes para a sustentabilidade da agricultura familiar no Semiárido, elevando a renda das famílias agricultoras e fortalecendo o processo de conversão agroecológica dos sistemas produtivos. Contribuem decisivamente para o desempenho de novos papéis pela agricultura familiar, aumentando a organização das famílias agricultoras e seu protagonismo. E promovem uma relação de maior solidariedade e troca de experiências conhecimentos entre os agricultores e agricultoras feirantes.

Os agricultores e agricultoras familiares passam a desenvolver uma nova relação com os moradores da cidade, que valorizam a qualidade dos alimentos saudáveis e diversificados, sem veneno; e reconhecem a contribuição dos homens e mulheres do campo no dia a dia da alimentação de sua família, bem como seus valores e dignidade.

Cabe destacar que no PDHC o apoio ao desenvolvimento destes espaços de comercialização se faz no contexto do desenvolvimento local e territorial, e conta com o instrumento da assessoria técnica que colabora permanentemente para o aumento da sustentabilidade dos agroecossistemas, abordagem crucial para alcançar os resultados apontados.

Referências bibliográficas:

- AZEVEDO, Maria Aparecida de et al. **Aprendizagens com quintais agroecológicos no Cariri Paraibano: a história de Santa Rita no município do Congo**. 2012. 11 p. Sistematização Coletiva de Experiências - Curso de Especialização Lato Sensu em Segurança e Soberania Alimentar no Semiárido na Perspectiva da Agroecologia, Departamento de Educação/Departamento de Ciências Domésticas, UFRPE, Recife/PE, 2012. Disponível em: http://www.projedomhelder.gov.br/site/images/PDHC/Artigos_e_Publicacoes/Hortas_e_Pomares/Aprendizagens_com_quintais_agroecologicos_no_Cariri.pdf
- BRASIL. Lei 10.831, de 23 de dezembro de 2003. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 de dez. 2003, Seção 1, p. 8.
- JALFIM, Felipe et al. Promovendo feiras agroecológicas no semiárido brasileiro: a experiência do Projeto Dom Helder Camara. **Revista Agriculturas**, v.5, n.2, junho de 2008.
- GODOY, Wilson Itamar; SACCO DOS ANJOS, Flávio. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, fev 2007.